

A produção subjetiva acerca da maternidade em ambiente prisional**The subjective production about motherhood in a prison environment**

DOI:10.34117/bjdv6n6-243

Recebimento dos originais:10/05/2020

Aceitação para publicação:10/06/2020

Juliana de Simas Guimarães

Instituição: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Endereço: SEPS 713/913 Asa Sul, Brasília- DF, Brasil

Email: juliana.simas@hotmail.com

Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke

Dra. em Psicologia e Ciências Humanas

Instituição: Professora Emérita da Universidade de Brasília-UNB

Email: psibucher@gmail.com

Jonas Carvalho e Silva

Dr. em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Fundação Alexander von Humboldt Centro Universitário de Brasília
(UniCEUB)

Endereço Institucional: 707/907- SEPN- Asa Norte, Brasília- DF, Brasil

Email: carvalho707@gmail.com

RESUMO

A literatura atinente à gravidez em um ambiente prisional demonstra que ela é acarretada de inúmeros estigmas, visto que, dentro do sistema penal brasileiro, as mulheres encarceradas ainda estão a dar à luz em situações constrangedoras, sofrem com a violência obstétrica, não possuem acesso às medicações básicas e a segurança de qualidade. Deste modo, esse artigo tem como objetivo dar a voz à subjetividade e ao sofrimento de pessoas cumprindo penas, por meio de um estudo de caso com abordagem qualitativa, descritiva apoiando-se na teoria da subjetividade desenvolvida por Fernando Rey. Estudou-se à questão da mulher que vivenciou o processo de gravidez tanto em cárcere privado quanto fora dele, perpassando em pontos que vão desde a concepção do feto ao parto. Conclui-se que o apego à família e visão de futuro são elementos que impulsionam e contribuem para uma vivência mais positiva do processo de gestação em cárcere.

Palavras-Chave: Maternidade, prisão, subjetividade.**ABSTRACT**

The literature related to pregnancy in a prison environment shows that it has many stigmas, since, within the Brazilian penal system, incarcerated women are still giving birth in embarrassing situations, suffer from obstetric violence, do not have access to basic medications and quality assurance. In this way, this article aims to give voice to the subjectivity and suffering of people serving sentences, through a case study with a qualitative,

descriptive approach based on the subjectivity theory developed by Fernando Rey. of the woman who experienced the pregnancy process both in private and outside prison, going through points ranging from the conception of the fetus to delivery. It is concluded that attachment to the family and vision of the future are elements that drive and contribute to a more positive experience of the pregnancy process in prison.

Keywords: Maternity, prison, subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

O ato criminal é um fenômeno complexo que apresenta variadas determinantes biopsicossociais. Sendo assim, é perceptível que no mundo contemporâneo, a taxa de criminalidade se apresenta com um crescimento relevante, principalmente, no que se diz respeito ao aumento de crimes cometidos por mulheres em relação aos homens no Brasil. Estes números apontam um crescimento de 11,99% anual (LOPES, MELLO & ARGIMON, 2010).

Pesquisas realizadas no ano de 2017 apontam que o Brasil ocupa o quinto lugar no *ranking*, com a maior população carcerária feminina do mundo, com cerca de 37.380 mulheres presidiárias, correspondendo a 6,4% da população prisional do país (FOCHI et al, 2017). Contudo, apesar dos dados elevados, a literatura em criminologia aponta especificamente para o papel masculino, enquanto que, o estudo da criminalidade feminina ainda é obscurecido em âmbito acadêmico (BARCINSK, 2012).

Desta forma, é observado que as mulheres levadas ao cárcere privado apresentam um perfil bastante semelhante. Os delitos com maiores ocorrências são aqueles relacionados às drogas, tanto o tráfico quanto aos crimes cometidos sob os efeitos da mesma como, por exemplo, furtos e atos violentos. essa população é representada por jovens entre 18 e 29 anos sendo em sua maioria negras, solteiras e com o ensino fundamental incompleto. Logo, por se situarem em uma faixa etária favorável a reprodução, não é incomum encontrar mulheres que vivenciaram ou estão a experienciar o processo de gravidez na prisão.

A maternidade de acordo com Maldonado (2013) é definida como um momento existencial muito relevante para o ciclo vital de uma mulher, essa etapa da vida é capaz de oferecer oportunidades para o ser humano atingir um novo nível de integração e de formação de vínculos. Contudo, deve-se levar em conta que o fenômeno da gravidez em si é um processo muito complicado, é uma fase marcada por múltiplas alterações físicas, biológicas e emocionais. Por conta disso, nesse período a figura feminina se encontra mais vulnerável aos acontecimentos exteriores, logo, se fazem necessários maiores cuidados e atenção.

Ao se observar a perspectiva de uma mulher em cárcere privado e gestante, a situação duplica de risco. Levando isso em consideração, no ano de 1988 foi instituído que a Constituição Federal (CF) e a Lei de Execução Penal (LEP) de 1984 no Brasil, garantiriam para as pessoas privadas de liberdade um direito à saúde, educação, trabalho, lazer, segurança, proteção à maternidade, infância e assistência aos desamparados; porém na prática esses direitos não funcionam de maneira esperada (GALVÃO & DAVIM, 2014).

Reconhecendo que as mães encarceradas necessitam de um cuidado mais específico, de acordo com Cerneka (2018), As Regras de Bangkok procuram complementar as Regras Mínimas para o Tratamento do Preso, estabelecidas em 1957, e as Regras Mínimas para a Elaboração de Medidas não Privativas de Liberdade (Regras de Tóquio).

Todavia, verifica-se que na maioria dos presídios femininos, as mulheres estão sofrendo com o descumprimento dessas leis constitucionais, visto que, elas não possuem uma única assistência médica especializada ou exames laboratoriais e de imagem (GALVÃO, 2012). Além da falta de suporte clínico, essa população tolera a vivência em um ambiente deplorável.

Destarte, é visto que as mulheres grávidas em um ambiente prisional vivenciam um processo de vulnerabilidade. Comportamentos violentos, como o abuso sexual, o uso de drogas injetáveis, esquema de organização da prisão e o tempo de encarceramento são exemplos de fatores que expõem esse grupo a uma maior possibilidade de contração de doenças. Além dessa posição vulnerável em relação à saúde física, há também uma fragilidade em relação à saúde mental.

Para mais, a violência constante e a falta de traquejo social no ambiente prisional contribuem para a vulnerabilização psíquica das mulheres grávidas e encarceradas. A ocorrência de partos com mães algemadas, a falta de profissionais especializados e a demora em receber ajuda médica são fatos ainda recorrentes nas prisões. Conjectura esta, que acarreta tristeza e dor em um momento delicado. Sendo assim, as presidiárias em muitos casos optam pelo isolamento para se protegerem, tendo em vista essa constante violência que lhes é imposta (FOCHI et al, 2017).

Sentimentos de culpa permeiam esse processo, uma vez que a penitenciária não proporciona privacidade, tranquilidade e segurança. Logo, há uma culpabilidade pela situação imposta para a futura criança. A sensação de não cumprimento do dever materno é o que mais provoca angústia nas mulheres. Diante disso, há um medo constante de perder a guarda, de após a separação o filho não a reconhecer mais e de não saber como será o futuro do mesmo (Fochi et al, 2017).

A presença de emoções negativas não deixa de ser algo marcante, todavia, de acordo com Mello e Gauer (2011), a companhia do filho durante o aprisionamento é percebida como um aspecto positivo, as mães tendem a projetar na criança uma minimização das dificuldades enfrentadas durante este período. Um dos fatores que mais sofre transformação é a percepção da passagem de tempo após a chegada de um bebê, este, antes visto como extenso e prolongado, passa a ser observado como mais ligeiro. Além disto, é visto que as mulheres quando estão na ala destinada para novas mães, estão propensas a interromperem o uso de drogas.

Essa maneira própria de vivenciar os acontecimentos do mundo foi denominada de subjetividade e a introduzida no âmbito da psicologia inicialmente por Vygotsky. Segundo González Rey (2001), a subjetividade se apresenta como um macroconceito orientado á compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se mostra como processo e como organização. O fenômeno subjetivo é considerado não apenas em seu aspecto individual, mas também constituinte dos diferentes espaços sociais da atividade humana.

Sendo assim, o sujeito ao enfrentar o mundo que vive, o faz na dinâmica de uma configuração. Esse mundo aparece integrado em sua dimensão simbólico-emocional como resultado da multiplicidade de desdobramentos e como consequência da ação social da pessoa. Ademais, a subjetividade também apresenta um caráter histórico, que irá abranger a história das diferentes relações do sujeito nos contextos da vida cotidiana, esta que é essencialmente cultural, e marcada pelos sistemas de valores e construções simbólicas, fato que a identifica como uma intrincada rede. Nessa rede, estão integrados elementos individualizados no trânsito de contínuas e mutáveis condições sociais, culturais e históricas (TACCA & GONZÁLEZ REY, 2008).

Portanto, considerando que a prisão deixa marcas que não se restringem a cicatrizes físicas, mas perpassam também em campos psíquicos e impõe uma relação conturbada entre tempo-espaço, muitas mulheres ainda são tratadas de maneira hostil nos presídios. Deste modo, o objetivo dessa pesquisa foi estudar qualitativamente por meio de um estudo de caso a questão das mulheres que vivenciaram um processo de gravidez tanto em cárcere privado quanto fora dele, perpassando em pontos que vão desde a concepção do feto ao parto.

2 METODOLOGIA

2.1 CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVO

O referido método de acordo com González Rey (2005) apresenta como base três princípios gerais. O primeiro deles é o carácter construtivo-interpretativo do conhecimento, no qual, além de promover uma discussão aberta, procura proporcionar uma posição em relação às novas perguntas e respostas criadas ao implementar um processo diferente de construção do conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2005). Logo, a defesa do construtivo-interpretativo é um fato que implica na tentativa de compreender o conhecimento como sendo uma produção, e não como uma apropriação linear da realidade.

O segundo princípio é a compreensão da pesquisa como um processo de comunicação e diálogo, pois o foco na interlocução dessa proposta metodológica se dá pela questão de que é através do diálogo que ocorre a expressão da maioria dos problemas que os seres humanos apresentam (GONZÁLEZ REY, 2005). Sendo assim, há uma necessidade de espaços que permitam a expressão e que possibilitem que as pessoas “[...] deixem de ser participantes para se converterem em sujeitos” (GONZÁLEZ REY, 2005, p.14).

A legitimação do singular como instância de produção científica e de conhecimento é o terceiro princípio da metodologia construtivo-interpretativo, pois o valor da singularidade recebe um novo entendimento sobre o teórico. A partir disso, segundo González Rey (2005), o reconhecimento da informação advinda do caso singular é dado pelo modelo teórico utilizado pelo pesquisador ao longo da pesquisa

2.2 CENÁRIO SOCIAL DE PESQUISA

O cenário social é o clima é criado pelo pesquisador no momento em que ele apresenta seu tema, de modo que os participantes fiquem sensibilizados e interessados por ele. Além disso, a criação desse cenário tem como objetivo proporcionar um maior vínculo e aproximação entre o pesquisador e os participantes. Contudo, é ressaltado que essa aproximação ocorra de forma natural, sem ser forçada.

Sendo assim, ao se trabalhar a questão da vivência de mulheres grávidas em cárcere privado, há uma questão muito subjetiva, pois cada mulher experiencia de sua maneira particular, logo é impossível fazer generalizações. Existem vivências consideradas positivas e agregadoras de valores, enquanto há experiências consideradas negativas e que podem chegar a ser descritas como traumatizantes.

2.3 INSTRUMENTO

Para esse estudo, os instrumentos utilizados foram à Dinâmica Conversacional e o Complemento de Frases. A Dinâmica Conversacional parte do princípio de que a conversação desperta o sentido subjetivo do sujeito, desta forma é por meio dessa significação e da utilização da fala reflexiva que o ser humano transmite sua experiência pessoal. A partir disso, ela se torna um processo em que “tanto os sujeitos pesquisados como o pesquisador integram suas experiências, suas dúvidas, e suas tensões, em um processo que facilita o emergir de sentidos subjetivos” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 46).

Já o Complemento de Frases foi desenvolvido por González Rey, ele consiste na apresentação de frases incompletas que permitem que as participantes as completem a partir daquilo que primeiramente emergir em suas mentes. Essa técnica é considerada como um instrumento aberto para o estudo da subjetividade e tem a função de verificar elementos que possam expressar a constituição da subjetividade individual. Segundo González Rey (2010).

Em vista disso, para o presente estudo, foram construídas 70 frases a completar, tendo em vista o objetivo principal de estimular as expressões subjetivas dos sujeitos. Segundo Ávila (2013), o instrumento de Complemento de Frases pode sofrer adaptações para atender as especificidades da pesquisa. No caso desta investigação, essas mudanças foram realizadas para adequarem-se ao tema referente à vivência do processo da gravidez em cárcere privado.

O contato com a participante ocorreu por meio de uma parceira com instituições governamentais que visam empregar detentos em regime semiaberto e ex-detentos. Para a participante selecionada se atribui o nome de TF, visando o sigilo de informações. Esta que é uma mulher de 28 anos, solteira, mãe de quatro filhos, os quais dois nasceram no período prisional.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética na pesquisa em conformidade com a Plataforma Brasil em atendimento as diretrizes éticas nacionais quanto as Resoluções nº 446/12 e nº 510. Conselho Nacional de Saúde (CNS) / Ministério da Saúde (MS). Parecer número 3.026.011. CAAE: 00261018.0.0000.0023.

2.4 ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A partir da análise das respostas obtidas durante a Dinâmica Conversacional e no Complemento de Frases, foram observados diversos indicadores de sentido subjetivo de TF. Destacando-se aqueles relacionados à família. A participante expressa em vários momentos durante a conversa, a importância que seus filhos possuem em sua vida: “Só que graças a Deus

ela não esqueceu de mim, e hoje ela é louca por mim. Então, graças a Deus, ave maria!” um pouco antes ela afirmou que seria um sofrimento ver sua avó a visitando na prisão, principalmente por conta do constrangimento que as famílias das condenadas são submetidas. Em um outro momento declara:

[...] A partir do momento que você entra para visitar uma pessoa, nossa é uma festa. Porque você entrou e tem todo aquele tempo, mas a partir do momento que a família vai embora, gente é uma dor muito grande. Porque você sabe que só vai ver aquela pessoa de novo depois de uma semana ou depois de 15 dias.

Destarte, é observada que durante o tempo de aprisionamento a produção subjetiva de TF manteve-se ligada à vontade de estar próxima dos filhos, logo, também surgiu um desejo forte de liberdade. A relevância dos filhos para sua subjetividade evidencia-se claramente não apenas em múltiplos trechos da conversa, mas também no complemento de frases, no que ela expressa:

- Tinha medo: de ficar sem meus filhos
- Meu maior amor: meus filhos e família
- Motiva-me: minha família
- Achava interessante quando: minha família ia me ver
- Eu senti saudades: de todos da minha família

Desta maneira, é perceptível o apego e amor que TF possui com as figuras familiares, este demonstrado desde antes de ser encarcerada. É visto que, em sua trajetória de vida, a família sempre se apresentou relacionada ao sentimento de felicidade. Essas expressões acabam por revelar que a produção simbólico-emocional se intensificou com o tempo de carceragem. Entretanto, o sentimento de saudade também se acentuou, e acompanhado dele veio à solidão e o medo da perda.

Segundo González Rey (2007), O sentido subjetivo é o que permite compreender a personalidade como sendo uma forma de organização da subjetividade individual. Contudo ao observar o processo de subjetivação de um indivíduo é impossível não esbarrar na subjetividade coletiva, a qual são aquelas produções sociais carregadas de sentido subjetivo que estão configuradas por processos emocionais e simbólicos produzidos nas mais diferentes

esferas da sociedade. No caso de TF, observa-se por meio do relato a solidão como sendo uma produção coletiva vivenciada no presídio. Apesar das mulheres tentarem ajudar umas as outras no que for possível, a participante relata que estar presa é um processo marcado pelo isolamento, e afirma que este sentimento é comum as outras presas.

No que se diz respeito à percepção individual acerca do isolamento, TF só apresentou mudanças na sua visão durante o pós-parto de suas filhas que nasceram no período de cumprimento de sua pena. Sendo assim, ela relata:

[...] Então tudo ficou diferente porque querendo ou não, ela ficou sendo minha companheira lá dentro, porque a gente por mais que tenha outras pessoas lá com a gente, não é a mesma coisa, a gente se sente só. E depois que ela nasceu foi totalmente diferente.

A partir disso, segundo González Rey (2007), o sentido subjetivo não representa uma expressão linear no que diz respeito à vida social. Ele é o resultado de uma rede de eventos e de suas consequências colaterais, estas que se expressam em complexas produções psíquicas. Tendo em vista esta afirmação observou-se que a passagem de tempo durante o processo prisional foi vivenciada de uma maneira única. Nos momentos em que não há a convivência com seus filhos na prisão, a passagem do tempo ocorre de forma vagarosa e dolorida: “O raiva! O tempo não passa gente, Deus me livre”. Todavia, após a chegada dos bebês a percepção subjetiva de TF em relação ao tempo adquire um caráter mais positivo: “O tempo passa mais rápido, tudo passa mais rápido, porque você tem alguma coisa para se entreter, alguma coisa para você fazer.”

Outro momento em que se verificou a percepção individual da passagem de tempo foi no nascimento de sua terceira filha, o qual expõe complicações durante o parto. O tempo para iniciar o atendimento após o sangramento, perda de líquido e descolamento da placenta em 8 horas. Visto que, suas complicações iniciaram-se de madrugada e o auxílio foi realizado somente 9 horas da manhã. No entanto, TF descreve a assistência que recebeu como “rápida e instantânea”.

De acordo com Scoz e Lucchini (2010), são as categorias sentidos que vão permitir uma análise das emoções do sujeito, estas que são constitutivas da subjetividade e que são essenciais para compreendê-la. Logo, a categoria de sentido atribuída pela participante em relação a vivenciar a gravidez nessas circunstâncias, assumiu-se com um caráter ambivalente.

Uma vez que foi descrita como sendo uma experiência ruim, pois para ela a prisão é um lugar desagradável, horrível e que não desejaria a ninguém. Mas ao mesmo tempo boa, já que a maternidade é vista como “uma sensação maravilhosa” e como sendo “Tudo para mim”.

A partir disso, a descrição de TF sobre as suas gravidezes é completamente diferente, principalmente no que se refere ao apoio e suporte recebido. Tendo em vista que a subjetividade é produção humana, a qual ocorre de maneira inseparável dos contextos sociais e culturais, para a participante, nas duas vezes em que ficou grávida fora da prisão, relata um apoio de sua família, uma tranquilidade durante o parto com acesso ilimitado a remédios.

No entanto, sua configuração subjetiva de apoio durante a gravidez muda ao vivenciar esse processo presa, pois o que antes era visto como um processo embasado em suporte e amor familiar torna-se um processo marcado por constrangimento, estranhamento e solidão. Os trechos a seguir representam essas diferenças entre suas produções subjetivas: “Totalmente diferente, não, antes de ser presa eu era casada, tinha essas duas crianças e era totalmente diferente”. O parto foi tranquilo também, porque eu tava na rua, então tipo, eu tive todo um acompanhamento, minha família tava comigo.”

Muito estranha, muito, porque assim, tipo tudo é um constrangimento. Na rua você se sente a vontade, você não tá presa. E a gente presa, é a policia o tempo todo em cima de você. Você não pode olhar para os lados, é o tempo todo de cabeça baixa, então tudo aquilo é um constrangimento.

[...] Porque não são todas as vezes que a policia tá lá para ajudar a gente, então na verdade a gente não pode nem contar, é bem difícil. (...) Não era todas às vezes que a gente podia falar que tem médico, porque às vezes não tinha, ai tinha que remarcar a consulta, entendeu, porque é só uma medica para atender.

Sendo assim, é observado que seus diferentes sentidos subjetivos se entrelaçam, entram em tensão, alimentam-se de desdobramentos emocionais e simbólicos e vão a direções opostas. Porém apesar das dificuldades dessas duas últimas gravidezes, o sentido de amor de mãe não sofre mudanças para TF, ela continua a amar todos os seus filhos e a experiência de ter ficado separada deles provoca muito sofrimento e dor.

Outro aspecto da configuração subjetiva da participante expressa em diversos momentos é o arrependimento diante do fato de ter sido presa. Sua construção perante essa ocorrência, demonstra o movimento de seu sistema de sentidos. O qual inicialmente estava ligado com a questão do tráfico ser uma boa alternativa para a sobrevivência, e torna-se, após o

encarceramento, uma péssima escolha. A partir disso, a percepção pesarosa de sua experiência afeta todo o sistema subjetivo, e conseqüentemente os estados psíquicos relativos a seu cotidiano. No Complemento de Frases ela escreve:

- Se pudesse fazer diferente: não tinha me envolvido com pessoas erradas
- Minha experiência no presídio: uma experiência que não quero mais
- Eu nunca mais: quero ir presa
- Viver no presídio: experiência horrível

Logo, em um posicionamento reflexivo acerca do arrependimento do tempo vivido em cárcere, TF relata indignações por não conseguir oferecer para os filhos cuidados melhores em um ambiente agradável. Em trechos da conversa é possível observar sua lamentação em “Fui inventar de traficar também e acabei sendo presa”.

Se tivesse cuidado da minha avó, eu não teria me envolvido com esse meu ex-marido, então eu não teria sido presa, hoje em dia tinha terminado meus estudos, tinha feito minha faculdade, hoje em dia eu tinha um serviço bom, só que isso, tipo, é questão de não escutar mesmo [...].

Com um olhar mais atento para os sentidos subjetivos, González Rey (2010), afirma que estes possuem um caráter voltado para os tipos de emoções que são produzidas. Contudo, o sujeito não regula racionalmente esse processo, apesar disso, é inevitável entender que posicionamento racional faz parte do desenvolvimento da produção da subjetividade. Logo, é visto que TF busca enfrentar os sentimentos subjetivos que foram produzidos na prisão. Ao invés de focar-se na parte negativa, a qual gerou desconforto, sofrimento e dor, a participante subjetiva essas sensações de uma forma a transformar essas emoções em esperança para uma vida melhor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário observado nesta pesquisa, vivenciar o processo de uma gravidez em um ambiente prisional significa um experienciar uma vulnerabilidade tanto física quanto mental. Constrangimentos e humilhações são aspectos frequentemente vivenciados por esse grupo populacional. Logo, ao se trabalhar com mulheres gestantes na prisão, deve-se ter em

mente os processos subjetivos que essa trajetória abarca. É visto que, as configurações subjetivas de uma gestação vivenciada em um local propício, com condições adequadas e estímulos necessários promovem sentidos subjetivos diferentes de estar grávida em cárcere privado. Uma mulher nessas condições, de acordo com relatos obtidos neste presente estudo, encontra-se lidando com sentimentos de dor, perda, solidão e principalmente, com a falta de suporte.

Esses elementos também constituem uma subjetividade social, ou seja, são observados em percepção coletiva e são recorrentes em mulheres que passaram pelo mesmo processo. Contudo, será a produção de sentido individual somada à grupal, que irão resultar em um processo único e diferente para cada indivíduo. Sendo assim, as respostas obtidas pelos instrumentos utilizados nesse estudo demonstram exatamente a subjetividade do sujeito estudado.

Portanto, partindo da premissa que os sentidos subjetivos expressados representam uma construção simbólica individual com o meio em que foi submetido, sem desconsiderar a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, é observado que, este acaba por influenciar diretamente a produção pessoal. Logo, esta pesquisa acerca dos sentidos subjetivos produzidos na vivência da maternidade em um ambiente prisional, corrobora com estudos realizados anteriormente e contribui para a disseminação e ampliação do tema, visto que a discussão do mesmo apresenta relevância para a sociedade. Infelizmente, este assunto ainda é pouquíssimo discutido no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, N.R.D. A. **Emergência do sujeito que aprende nas escolas da compreensão**. 2013. [226] f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ARAÚJO, S.M, Et al. A importância do pré-natal e a assistência de enfermagem. **VEREDAS FAVIP-Revista Eletrônica de Ciências**, v. 3, n. 2, 2013.

BARCINSKI, M. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. **Contextos Clínicos**, v. 5, n. 1, p. 52-61, 2012.

CAMPOLINA, L.O. **Inovação Educativa e Subjetividade: A configuração da dimensão histórico-subjetiva implicada em um projeto inovador**. 2012. 227f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília.

CERNEKA, H. A. Regras de Bangkok: está na hora de fazê-las valer. **Boletim IBCCRIM**, 18-19. 2018

FOCHI, M. D. C. S., HIGA, R., CAMISÃO, A. R., TURATO, E. R., & LOPES, M. H. B. M. Vivências de gestantes em situação de prisão. 2017 **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 19.

GALVÃO, M. C. B. **Vivência de mulheres em situação de cárcere penitenciário durante o período gestacional**. 2012. Master's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GALVÃO, M. C. B., & DAVIM, R. M. B. Vivência de mulheres encarceradas durante a gestação. 2014. **Revista de enfermagem UFPE** on line-ISSN: 1981-8963, 8(7), 2272-2280.

LOPES, R. M.F., MELLO, D.C & ARGIMON, I. L. Mulheres encarceradas e fatores associados a drogas e crimes. 2010. **Revista Ciência e Cognição**, Vol 15 (2): 121-131. 2010
MALDONALDO, M. T. **Psicologia da gravidez**. Editora Jaguatirica Digital. 2013

Social/Health & Social Change, 2(2), 113-121.ISSN 2175-3520, (13). 2011

REY, F. L.G. **A pesquisa e o tema da subjetividade em educação**. Psicologia da Educação. 2001. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. 2001

_____. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia-caminhos e desafios**. Cengage Learning Editores. 2002

_____. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, (24), 155-179. 2007

_____. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. 2010. **Psicologia: ciência e profissão**, 30(2), 328-345. 2010.

REY F. L. G., & Silva, M. A. F. (2005). **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Cengage Learning.

SCOZ, B. J. L., & LUCCHINI, D. R. M. R. Alunos com dificuldades na escrita: produção de sentidos subjetivos na oficina de palavras. **Revista Psicopedagogia**, 27(82), 68-77. 2010.

TACCA, M. C. V. R., & REY, G. F. L. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. 2008. **Psicologia: ciência e profissão**, 28(1), 138-161.ASIL. 2008.